

Reverberações do Projeto Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro na Bahia: a Coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio (2011-2014)

Reverberations of the “Promotion of Brazilian Scientific and Technological Heritage” Project in Bahia: the Collection of the Laboratory Land Survey Theodoro Sampaio (2011-2014)

Suely Moraes Ceravolo*

Resumo: Apresenta-se a Coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio depositada no Departamento de Engenharia de Transportes e Geodésia da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, retrazando as etapas em prol da musealização desse conjunto de instrumentos de C&T, em trabalho decorrente da sua inserção no Projeto Valorização do Patrimônio de C&T/MAST/MCTI. O caminho percorrido demonstra a aplicação de procedimentos afins aos realizados em museus e a paulatina conquista de reconhecimento por parte da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

Palavras-chave: Coleção de instrumentos. Coleção universitária. Patrimônio de C&T.

Abstract: The collection of the Theodoro Sampaio Land Survey Laboratory is presented. Housed at the Transportation and Geodetics Engineering Department of the Polytechnic School of the Federal University of Bahia, it retraces the steps taken to exhibit this set of Science and Technology instruments in museum form. These improvements were only made possible as the collection was included in the Promotion of Brazilian Scientific and Technological Heritage Project - MAST/MCTI. The report is told of how procedures similar to those used in museums were applied to the collection, gradually gaining recognition from the Polytechnic School of the Federal University of Bahia.

Keywords: Collection of surveying instruments. University collection. Science & Technology heritage preservation.

1. Da Rede para a Coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio

O Estado da Bahia é uma das regiões federativas participante da malha de parceiros do Projeto Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro, coordenado pelo Prof. Dr. Marcus Granato (Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI), com o objetivo de

* Graduada em História (UFBA); M.Sc. em Ciência da Informação e Documentação e D.Sc. em Ciências da Comunicação ECA/USP; pós-doutorado em Museologia/História dos Museus no Brasil na USP; docente do Departamento de Museologia/FFCH/UFBA, do PPGMUSEU/UFBA e PPG História/FFCH/UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Observatório da Museologia Baiana (CNPq) e bolsista produtividade 2 do CNPq. Possui pesquisa em duas áreas: História dos Museus na Bahia e Documentação em Museus. E-mail: sumocem@gmail.com.

operacionalizar o cadastramento de coleções de C&T ainda existentes no Brasil, ampliar as discussões e multiplicar as ações de preservação dessa parcela específica da cultura material integrante do patrimônio cultural¹. Em razão dos objetivos e da estratégia colaborativa proporcionada pela concepção em rede do projeto, a Coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio (LGTS), sob a guarda do Departamento de Engenharia de Transportes e Geodésia da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA), se encontra registrada no cadastro brasileiro o que significou - e significa - legitimar sua existência em plano nacional.

Do momento do cadastramento em diante se estabeleceu uma segunda parceria entre docentes do Departamento de Museologia (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) e do Departamento de Engenharia de Transportes e Geodésia da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como primeira reverberação local do Projeto de Valorização/MAST. A parceria se efetivou para implementar ações aos moldes desenvolvidos em museus, de modo a institucionalizar a Coleção do LGTS.

Para cumprir tal objetivo, considerando a meta em credenciá-la como coleção museológica de serventia para pesquisas e visibilidade pública, propusemos projeto de cunho interdisciplinar com apoio da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas/Programa Permanecer/UFBA, na forma de bolsas de estudo para alunos em graduação, coordenado pelas duas docentes de áreas do saber distintas entre si².

Têm-se hoje elementos para afirmar que o conjunto dos instrumentos do LGTS é exemplar único no panorama das coleções formadas por razões disciplinares em departamentos da UFBA. Única também se levarmos em conta que, na mesma Universidade, há o Museu de Arte Sacra (MAS), o de Arqueologia e Etnografia (MAE) e o Museu Afro-brasileiro (MAFRO) voltados para a preservação e exposição de elementos da cultura material de outra natureza. A cidade do Salvador não conta com museu de C&T, pois o que foi criado em 1979, depois vinculado a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), se encontra em reforma³ e efetivamente desativado.

Esses dados indicam que a preservação de artefatos do patrimônio de C&T tem recebido pouca atenção no Estado da Bahia e, em decorrência, parca produção de estudos que contemplem – pontual ou de modo interdisciplinar - os artefatos, a história das ciências e esse patrimônio no plano local e regional. Esse panorama não

¹ Sítio do projeto na web disponível em: <http://www.mast.br/projetovalorizacao/index.html>. Acesso em: 06 de jul. 2015.

² Dra. Suely Moraes Ceravolo/Museologia e Ms. Ana Regina Teles/Engenharia.

³ CF. <http://www.uneb.br/mct/sobre-o-museu/>. Acesso em: 02 de jul. 2015.

difere da situação diagnosticada por Marta Lourenço e Lydia Wilson (2013), concluindo que lidar com o patrimônio cultural, incluindo o científico e tecnológico, trata-se de tarefa densa, intrincada e politicamente orientada. Igualmente, não difere das observações de Maria Esther Valente e Ethel Rosemberg Handfas (2012) constatando que, no Brasil, há necessidade de incluir o patrimônio científico e tecnológico na pauta das discussões preservacionistas e na agenda nacional das políticas públicas. Ao que completamos: incluí-lo também nas universidades públicas, caso da Bahia.

Sem muito amparo, a Coleção do LGTS se mantém coesa graças à sensibilidade da profa. Ana Regina Torres Ferreira Teles que a compreende como referência importante no aprendizado das mudanças e avanços das técnicas e tecnologias de mensuração, e para a história e memória da Escola Politécnica da UFBA. Não é errôneo dizer que esse significativo conjunto de instrumentos está em situação de isolamento, embora essa Escola carregue uma história secular (1897)⁴ iniciada com dois cursos: engenharia civil e engenharia geográfica, fundados nos primeiros tempos do regime republicano (no Brasil, chamado Primeira República, convencionalmente demarcado entre 1889-1930). Nesse período, os primeiros mentores da Escola perfilavam-se ao discurso do progresso e civilização para o que, os engenheiros, teriam papel de divulgadores do ideal de modernização incorporado ao ideário republicano. Era preciso formar engenheiros civis e agrimensores (geógrafos) fortalecendo a economia do Estado da Bahia (BARBOSA, 2010, p. 81-83).

Sem fugir da associação entre ciência, tecnologia e política e em nome do desenvolvimento, a Escola Politécnica da Bahia, segundo o historiador Emiliano Barbosa, foi marcada por forte “caráter regional” diferenciando-se de outras escolas similares pela missão em “educar as frações médias urbanas soteropolitanas”, representadas pelos filhos de segmentos do comércio e profissionais liberais, especialmente do Norte e Nordeste brasileiros (BARBOSA, 2010, p. 88-97).

Os engenheiros passaram então a fazer parte dos “profissionais urbanos” assim chamados pela historiadora Maria Helena Flexor (1997), muito requisitados nas primeiras décadas do século XX, quando a cidade do Salvador sofreu, tal como a capital Rio de Janeiro, profundas reformas urbanas, especialmente na parte central da cidade. Avenidas, edifícios públicos, serviços de transportes e ferrovias, iluminação elétrica e modernização do porto foram algumas das atualizações realizadas em nome do progresso.

⁴ A fundação da Escola Politécnica na Bahia data de 14 de março de 1897.

José Joaquim Seabra (J.J. Seabra), advogado, articulador político e governador do Estado (1912 e 1916) foi a personalidade polêmica que encarnou a ideologia da modernização (FLEXOR, 1997). Chamado “o demolidor” desencadeou várias pelepas dividindo a elite baiana em facções pendulando entre opiniões a favor ou contra, ao comandar a derrubada de edifícios considerados patrimônio histórico e arquitetônico nessa cidade (PERES, 1974). Não pode ser abafado, entretanto, que as intervenções *seabristas* geraram conseqüências dramáticas para a população negra e pobre como atestam historiadores baianos. Por outro lado, em razão das obras de porte na cidade, Seabra voltou os olhos para formação de quadros técnicos e foi um dos que, ao longo da trajetória da Escola Politécnica da Bahia, ajudou a formar laboratórios (BARBOSA, op.cit., p.150). Constituí-los, no entanto, demandou esforços. É o que se infere do evento narrado pelo prof. Albano da Franca Rocha, diretor da Escola Politécnica (1950 a 1952), ao relembrar, no cinqüentenário da Escola, que a marcha de alunos para o reconhecimento do Governo Federal em 1914, teve entre os motivos a “deficiência dos gabinetes”⁵.

Ainda que a trajetória de formação dos laboratórios da Escola Politécnica da UFBA esteja aberta à investigação, da mesma forma que a da formação da coleção do LGTS referenciamos o cenário levantado pela profa. Ana Regina Teles a fim de situar os passos em desenvolvimento para a musealização do conjunto de instrumentos de geomensura. Nesse quadro, destacamos os elos em construção decorrentes da inserção da Coleção como elemento do patrimônio de C&T no Brasil *via* Projeto Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro, assinalando o modo como localmente procuramos multiplicar ações de preservação.

2. Um só Laboratório: homenagem à Theodoro Sampaio

A instalação de gabinetes e laboratórios nas escolas de ensino superior das Engenharias no Brasil relacionou-se a momentos históricos (Império e República), o que diz de concepções e lógica de ordenamento curricular que foram se transformando ao longo do tempo. Em geral, ficaram instalados em salas destinadas ao trabalho, testes e ensaios de materiais dando apoio técnico e para aulas práticas.

De acordo com a profa. Ana Regina Teles em texto do site da Escola Politécnica, os gabinetes de Geodésia e Astronomia, Topografia e de Estradas eram

⁵ Discurso proferido pelo Professor Albano da Franca Rocha por ocasião das comemorações dos cinqüenta anos da Escola Politécnica. In: *105 Anos da Escola Politécnica da UFBA*. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2003. p. 139-141.

os responsáveis pelas “cadeiras” - depois matérias -, de Topografia, Estradas, Astronomia, Geodésia, Portos de Mar, Rios e Canais. Os gabinetes agregavam laboratórios viabilizando as aulas práticas e, ao mesmo tempo, locais para guardar e manter materiais e equipamentos.

Por iniciativa do Prof. Albano da F. Rocha e decisão da Congregação da Escola Politécnica, em 1938, o gabinete de Topografia recebeu o nome de Theodoro Sampaio, homenageando-o por sua importância para a Engenharia da Bahia e do Brasil e em reconhecimento à doação que a família fez de alguns equipamentos que lhe pertenceram.

Vale algumas palavras sobre o engenheiro Theodoro Sampaio: nascido em 1855, no Engenho Canabrava, zona rural da Bahia “filho de escrava e sem pai declarado”, formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, no período do Império (1876), participou de agremiações de letrados dentre elas o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do qual foi um dos fundadores e, anos depois, presidente durante 14 anos. Foi membro atuante do Instituto Politécnico da Bahia (1896) com o objetivo de criar a Politécnica. Após dirigir obras na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, voltou à Bahia como profissional liberal equacionando a modernização do porto, o abastecimento da água e o sistema de esgotos. Concebeu a inovadora Cidade Luz uma “aglomeração urbana autônoma em área rural” (mais tarde bairro da Pituba) (SANTOS, 2010, 294-295). Certamente, esses poucos traços não esgotam a trajetória de Theodoro Sampaio, e a intenção não é essa, mas, sim, evidenciar o porquê da homenagem a ele atribuída para a união de laboratórios anteriores. O termo geomensura foi somado na década de 1990 (TELES, 2013).

3. A formação da Coleção do LGTS

A formação do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio se deu ao longo da existência da própria Escola Politécnica, através de aquisição de instrumentos novos por dotações orçamentárias e, posteriormente, de recursos provenientes de atividades de extensão. Já a formação da Coleção decorreu da troca desses equipamentos pela obsolescência e a visão de meros objetos de tecnologias ultrapassadas, aparentemente sem serventia. Os instrumentos espalhados foram sendo recolhidos e agrupados por funcionários e docentes.

Conta-nos a profa. Ana Regina Teles que a Coleção foi construída, desconstruída, reconstruída novamente em razão de mudanças e ou novas arrumações nos espaços da Escola Politécnica. Como dito anteriormente, a trajetória

de formação da Coleção ainda precisa ser pesquisada de modo mais aprofundado. No entanto, sabe-se que os instrumentos vieram de compras por parte da Escola; doações como a da família de Theodoro Sampaio; recebimento de equipamentos provenientes de acordos, como o firmado entre o Brasil e as Repúblicas Democrática Alemã e a Popular da Hungria, e convênios a exemplo do realizado entre a Escola Politécnica e a Diretoria do Serviço Geográfico do Exército (DSG) cujos instrumentos foram usados em serviços relevantes, caso da Comissão da Carta Geral do Brasil (1903)⁶. Há casos de transferências de instrumentos originalmente em outros gabinetes da própria Escola Politécnica, ou mesmo de outras Unidades de Ensino da Universidade Federal da Bahia, resultante de reorganizações administrativas.

É bem curioso perceber que - mesmo sem saber os motivos dos recebimentos e transferências - a canalização desses instrumentos para a Escola Politécnica indica que cabia (e cabe) a ela salvaguardar esses vestígios do passado e preservar a memória das Engenharias na Bahia. Nesse gesto, não estaria implícito a presente necessidade do passado ativando o “tempo da memória” que tem história, é ação e cria significados (MENESES, 2007, p. 17 e 32), especialmente quando há (ainda) artefatos materiais?

A resposta para essa complexa questão deriva, em nosso entender, da conquista da institucionalização da Coleção do LGTS formada por equipamentos de Topografia, Geodésia, Astronomia, Navegação, Hidrologia, Meteorologia, Fotogrametria, Desenho, e outras áreas em menor variedade. Muitos desses instrumentos serviram também em atividades de extensão e trabalhos realizados fora da Escola Politécnica (Fundação Gonçalo Muniz, Projeto Rondon, Instituto Regional de Recursos Naturais, Prefeitura de Campus da UFBA) hoje servem, eventualmente, nas atividades de ensino prático possibilitando a observação, por parte dos alunos, da ‘arquitetura’ dos equipamentos de gerações anteriores e respectivo funcionamento, o que facilita a compreensão dos porquês da sua utilização, exercício quase impossível com os aparelhos modernos.

Por contar com equipamentos utilizados por Theodoro Sampaio (levantamento do Rio Tietê - SP, Rio São Francisco e Chapada Diamantina - BA, dentre outros) e da Comissão da Carta Geral do Brasil a Coleção agrega, aos fins utilitários, a dimensão histórica desse conjunto com elementos para o ensino e pesquisa situando-a no âmbito das coleções universitárias e patrimônio da C&T do Brasil.

⁶ De acordo com a historiadora Maria Gabriela de Almeida Bernardino (2013, p.50), essa Comissão realizou “levantamentos topográficos, reconhecimento do terreno para triangulação, medições angulares, medições de base, construção de sinais geodésicos, entre outras atividades inerentes à Cartografia”, e implantou o primeiro marco geodésico em “23 de junho de 1903, por meio do levantamento à bússola e por podômetro”.

4. Em direção à Institucionalização da Coleção Theodoro Sampaio: o efeito musealização

Efeito diz de conseqüências, repercussão, frutos. O primeiro efeito, já o dissemos, originou-se do encontro dos agentes do Projeto Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro com o LGTS. A musealização, por seu turno, refere-se ao acompanhamento, através de procedimentos (ação/intervenção) sobre os objetos deslocados de determinado contexto de uso para o contexto museológico atribuindo outro uso e, ao mesmo tempo, inserindo-o social e culturalmente na condição de objeto 'de museu'. Não se quer afirmar com isso que o Laboratório de Geomensura se transforme em 'museu'. Mas, acredita-se que, a aplicação de procedimentos museológicos, colaboram para sua institucionalização.

Desde 2011 desenvolve-se projeto específico⁷, iniciado com o processamento documentário da Coleção aos moldes empregados para controle e gerenciamento de acervos de museus. Desenvolveu-se o levantamento horizontal extensivo de todos os itens da Coleção inventariando e registrando-a, os equipamentos foram preliminarmente higienizados e reordenados em prateleiras segundo grupos similares facilitando tanto a visão do conjunto como o acesso aos instrumentos. A estratégia possibilitou a contagem de cada item da Coleção que conta com mais de 700 instrumentos íntegros, acessórios e fragmentos de peças devidamente identificadas, registradas e numeradas, descritas e fotografadas. As fichas de registro estão arquivadas em pastas (denominadas Books), organizadas por categorias de instrumentos, vinculando organicamente o registro ao instrumento de modo a localizá-lo com rapidez.

Os equipamentos estão cadastrados em banco de dados (*Access*), com campos informativos acrescidos - dados de aquisição, de origem, registro fotográfico em mais de um ângulo, data do primeiro registro encontrado no Departamento - visando aumentar a possibilidade de pesquisa e estudo documental. As categorias de indexação precisam de decomposição progressiva, tarefa que pode ser desenvolvida através de estudos e descrição detalhada de cada instrumento com a observação de elementos convergentes, acompanhada da elaboração de instrumento documentário facetado para responder melhor ao acesso a informação e, conseqüentemente, gerando um guia mais apurado para pesquisas.

Como o universo dos acervos ou coleções museológicas é de modo geral extremamente heterogêneo - princípio que vigora para as coleções de artefatos de

⁷ Documentação museológica: organização e tratamento da informação para coleções de objetos científicos. Coordenação profa. Dra. Suely M. Ceravolo, co-participação profa. Ana Regina Teles - Depto. de Engenharia de Transportes e Geodésia/Escola Politécnica/UFBA.

C&T - deve-se refinar o esquema de classificação levando em consideração o trabalho desenvolvido pelo MAST, e as particularidades representadas na Coleção do LGTS.

Data de 1985, o controle de retiradas e empréstimos, devolução, cuidados em relação a descartes (inclusive de peças e fragmentos) e as primeiras tentativas de cadastro dos equipamentos organizados em grupos por uso, finalidade, evolução tecnológica dos componentes e metodologias de uso. Os instrumentos encontram-se acomodados em uma sala 21,50m² dentro do Departamento de Engenharia de Transportes e Geodésia, mas demandam melhores condições de armazenamento, embalagens, conservação e restauro.

Outra conquista em direção à institucionalização dentro da Escola Politécnica é a exposição de alguns instrumentos - 'escolhidos a dedo', como se diz por aqui - em um nicho do saguão do auditório principal garantindo a visibilidade pelo menos de uma amostra do que há na Coleção para a comunidade politécnica e docentes, discentes e funcionários que por ali circulam, bem como de visitantes externos participantes dos muitos eventos que ali acontecem. Estão expostos taqueômetros, trânsitos, teodolitos, esquadros do agrimensor, pantômetros, grafômetro, nível, heliógrafo, aneróides, cronômetros de marinha. A Figura 1(a e b), a seguir, apresenta imagens desse espaço.





Figura 1 (a e b) - Imagens do espaço ocupado por uma mostra dos instrumentos da Coleção do LGTS, no saguão do auditório da Escola Politécnica. Fotos: Daiana Soares, 2012.

O projeto em sua terceira fase desenvolveu o piloto do catálogo de divulgação na forma virtual e digital, no segundo semestre de 2014⁸. Sua elaboração implica em outros desafios a exemplo da apropriação da linguagem de comunicação e lay-out de apresentação agradável e acesso amigável, além do apoio institucional garantindo espaço em bits no site da Escola.

5. Um processo de sensibilização

Os procedimentos e ações de preservação pela via da documentação podem parecer singelos aos olhos dos que estão acostumados a outros contextos museológicos. No entanto, se faz importante considerar que ainda é preciso sensibilizar a Escola Politécnica e a Universidade Federal da Bahia para o real significado histórico e patrimonial da Coleção do LGTS, considerada para muitos um conjunto de equipamentos ultrapassados. O que foi desenvolvido até o momento representa, portanto, o caminho em direção a conquista para garantir a coesão da Coleção e reconhecimento institucional.

E esse reconhecimento vem sendo alcançado: a docente de Museologia, os bolsistas das áreas de Ciências Sociais Aplicadas - futuros museólogos e

⁸ A elaboração do piloto do catálogo virtual foi tema de TCC, da bolsista Catarina Barbosa, do Instituto de Ciência da Informação/UFBA (2014.2).

bibliotecários - transitam pelo ambiente dos engenheiros que ficam curiosos e nos observam com o “canto dos olhos”, especialmente ao nos verem com luvas e máscaras para manipular cuidadosamente os instrumentos.

O pequeno nicho para expor alguns instrumentos no saguão da Escola Politécnica é para nós como verdadeira *conquista de espaço*; uma conquista *museográfica*. Não se trata de museu. Está mais para mostruário, mas em lugar de intensa circulação, garante que os instrumentos sejam apreciados.

Não temos dúvida que o Projeto Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro/MAST surtiu efeito multiplicador no que se refere à salvaguarda da Coleção do LGTS. As ações e estratégias até o momento aplicados são a base - o esteio técnico - para que se consiga o comprometimento efetivo e contínuo da Escola Politécnica da UFBA.

Esse esteio pode guiar o caminho para uma plena legitimação institucional da Coleção. O que se pretende é expandir e firmar o valor desse conjunto de equipamentos e, com isso, diminuir a distância existente de certo senso-comum que os caracteriza como ‘velharias’. Pretende-se firmar que os instrumentos são um legado tão importante para a Escola Politécnica da UFBA, como para a história das Engenharias no Brasil, tirando-os da condição de isolamento. Afinal, não é isso que esses artefatos, evidências concretas e visíveis representam em termos de patrimônio científico e tecnológico e cultural brasileiro?

6. Referências

BARBOSA, Emiliano Côrtes. *Escola Politécnica da Bahia: poder, política e educação na Bahia republicana*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1438.pdf>>. Acesso em: 16 de set. 2014.

BERNARDINO, Maria Gabriela de A.. *Um mapa para a República: A Comissão da Carta Geral do Brasil (1903-1932)*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_maria_gabriela.pdf>. Acesso em: 19 de set. 2014.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. J.J. Seabra e a reforma urbana de Salvador (Bahia-Brasil). In. ICA - Congresso Internacional de Americanistas - Simpósio URB 3: Questões Urbanas: História e Políticas Públicas. 49. 1997, Quito (Equador). *Anais...* Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/49CAI/Flexor.htm>>. Acesso em: 18 de set. 2014.

LOURENÇO, Marta C.; WILSON, Lydia. Scientific heritage: Reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. *Studies in History and Philosophy of Science*, v.44, p.744-753, 2013.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da Memória. In: MIRANDA Danilo Santos de (Org.). *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. p.13-33.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. Salvador: Macunaíma, 1974.

SANTOS, Ademir Pereira dos. *Theodoro Sampaio*. Nos sertões e nas cidades. Rio de Janeiro: Versal, 2010.

TELES, Ana Regina. *Breve histórico da formação da Coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio*. Disponível em:< <http://www.eng.ufba.br/site/lgts/106-lgts-texto1>>. Acesso em: 16 de set. 2014.

TELES, Ana Regina. O Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio da UFBA: Arrolamento concluído, banco de dados implantado. E agora? In: Seminário sobre Gestão do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia. 2. 2013, Recife (Pernambuco). *Anais...* Recife: Editora UFPE. p.29-51. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5oPK6bBbitBY3BKelFTUHVHTEU/view>. Acesso em: 02 de Jul. 2015.

VALENTE, Maria Esther A.; HANDFAS, Ethel R. O patrimônio cultural científico e tecnológico brasileiro e a importância de políticas públicas para sua preservação. *Revista Ciências Estratégicas*, v. 20, n. 28, p. 271-284, 2012.

Data de recebimento: 21.06.2015

Data de aceite: 02.08.2015